

**Título (26 de novembro, 2009)**

**As identidades e o currículo em uma escola particular de um distrito de Campinas**

*Laura Regina Solé Vernin e João Paulo Prioli*

**A** Escola foi fundada em 1976, no Distrito de Barão Geraldo em Campinas, SP, com intuito de trazer uma educação diferenciada. Hoje, no site da escola, há a seguinte frase: "*A Escola busca a formação de crianças e jovens autônomos, atuantes e que saibam conviver com a diversidade.*" Pode-se depreender, a partir dessa frase, que o ensino dessa escola tem a intenção de fugir do ensino tradicional.

O ensino tradicional seria aquele em que o professor é o único sujeito ativo, o único detentor do conhecimento e em suas ações foca-se o poder de ensinar. Já um ensino diferenciado leva em conta a experiência de cada indivíduo que está participando do processo de aprendizagem, permitindo, assim, que todos sejam ativos, que haja troca de experiências e a aposta na constituição de subjetividades seja prioritária. Aparentemente esta Escola de Barão Geraldo possui uma estrutura que permite a comunicação entre todos, de todas as séries e idades. Não só a relação entre sujeitos, mas a relação entre sujeitos e objetos parece acontecer naquele local. A busca do conhecimento é construída levando em conta o interesse daqueles sujeitos.

O professor não é o detentor de todo o conhecimento, ele não precisa se mostrar como sendo assim, ele também aprende enquanto trabalha com os alunos.

O currículo, neste caso, é um plano de composição feito por e para um grupo específico de pessoas que vêm de famílias que têm interesses semelhantes. As relações ali presentes, as trajetórias

escolhidas, o modo como o espaço é organizado, e os textos criados e/ou lidos formam as identidades e as subjetividades do grupo. Tudo sobre o que ocorre naquele local é pensado visando formar um indivíduo seguindo as premissas de um tipo de Escola como a que está apresentada na frase que consta no site citado no começo desse texto. Penso, com estranheza, como algo definido para um grupo específico de pessoas com interesses em comum visa o "*conviver com a diversidade*". Parece-me que eles vivem com o igual e expõem como viver com o diferente.

A identidade de algo ou alguém se dá pela relação da identidade de outro que é diferente do primeiro; é a relação do que é com o que não é de certa forma. Ou seja, a relação das identidades entre si está intimamente associada às diferenças. É possível perceber isso quando se pede para que uma pessoa fale sobre si, como esta se entende. Muitas vezes uma pessoa usa o que ela não é para explicar o que essa é. E assim funcionam os grupos ao exporem as suas identidades e subjetividades.

O currículo faz parte desse processo de constituição de identidades e diferenças. A transformação sugerida pelo site da escola realiza uma síntese da convivência com a diversidade em que o rosto (máscaras, cabeças de monstros, esculturas de face) é enfileirado lado a lado, sendo singular, e assustadoramente difere do outro. Diversidade, neste caso, poderia ser pensada como o adiamento das identidades conviverem.

Nas prateleiras do desfile dos rostos, das máscaras, o currículo expressa-se em devir?

Nas vertentes pós-estruturalistas, os estudos de imagem não apostam nos sujeitos e, sim, nos espaços vazios produzidos, possibilitando olhar para a abertura, para o devir. Não se pensa mais as fotografias como documentos, sendo a imagem um efeito de superfície e tal novidade sugere-nos a possibilidade do devir ilimitado. É pela diferença, e não na convivência de um diverso que busca pelo 'igual', que o pensamento permite-se existir. Ou sobreviver, adiando-se continuamente a 'ser identidade'.



Legenda: fotografias de acervo pessoal.

### **A escola, pensada musicalmente**

Começo pelos sons. Na verdade começo com a pergunta: o que é o som? Frequências aleatórias entoadas de diferentes formas/jeitos de modo a produzir uma nota ou todo um corpo que possui ritmos e frases próprios? Ambas as respostas são válidas e caminham juntas, mas vamos além do que foi dito, pensemos no som como algo que além de proporcionar efeitos/sentimentos/ritmos/ movimento/etc diferentes, também proporciona e gera uma outra realidade, uma realidade paralela a esta, uma realidade não física, não palpável, mas uma realidade metafísica de sentidos e percepções diferentes do normal. É nesta não-realidade sonora que se pode perceber o verdadeiro significado do som ou até mesmo ouvir o som do silêncio.

É baseado nessa definição de som e adentrando numa nova realidade que pensarei na escola visitada.

A visita deu-se em um dia do qual não me esqueço, pois isto influencia muito no que foi ouvido. Faço questão de lembrar a data devido ao fato de ser final de ano, e a escola já não estava com o contingente total de alunos (algumas séries já estavam de férias) logo o som produzido, nesta época específica, não era o som total que a escola produziria normalmente. Digo som total e não som real devido ao fato de que o som muda, o mesmo som produzido por um grupo de pessoas em um certo dia nunca será o mesmo som produzido um dia depois, é importante ressaltar esta qualidade mutacional do som.

Algo que chama a atenção na escola é o movimento, movimento que gera um ritmo. O ritmo do 'espaço', o andamento, a batida, as "quebradas" de tempo. O ritmo em si antecede a peça final e ao mesmo tempo caracteriza a peça como uma *ballada*, *valsa*, *schierzo*, *prelúdio*, *fuga*, etc. Mude um detalhe rítmico de uma frase musical e a estrutura ruirá. Mude o ritmo de uma escola e o que acontecerá? Acredito que não só a estrutura ruirá.

Voltando a questão do ritmo, percebi no lugar várias células rítmicas diferentes, não só com padrões diferentes, mas também em lugares diferentes. Alguns alunos brincando na quadra, outros no parquinho, outros assistindo a uma aula, outros comemorando um aniversário. Células rítmicas dispostas e trabalhadas de maneiras diferentes, a escola toda é praticamente uma partitura para percussão, só ritmo.

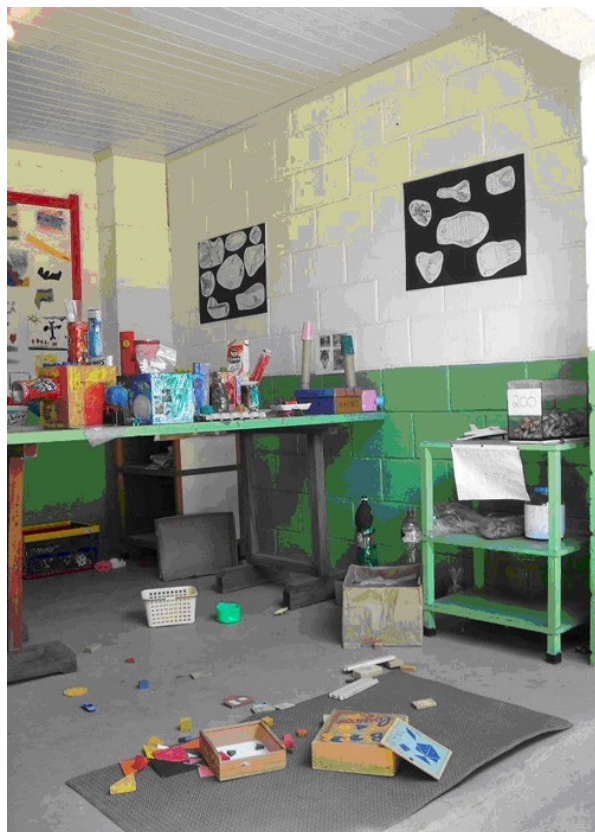
Contudo não é só de ritmo que um som vive, ritmo é importante, ele comanda e coordena, nos dá a direção e alguma noção de como executar ou manter alguma frase melódica. Mas onde está a melodia? Muitos dizem que a melodia é a parte mais complicada da composição, ter uma noção rítmica da frase musical é, em termos, simples. Complexo mesmo é organizar essas pequenas frequências de cordas de maneira a formar algo

novo, algo que transcenderá as expectativas e até mesmo o próprio ser criador.

Quando me referi a pequenas frequências de cordas, faço menção aos alunos presentes na escola, imagine cada uma como uma corda, cada qual com a tensão, freqüência e conseqüentemente som específico. Organize-os de uma maneira qualquer. Pronto! A frase musical está gerada e organizada.

Mas será só a organização necessária? Ou às vezes o improvisado deve ser realizado? Pressione "voltar", pense de novo. Deixe os sons correndo de um lado para o outro, deixe que o som por si só organize-se da maneira que as freqüências do mesmo acharem melhor, deixe que os sons exteriores executem o papel que lhes foi designado, agora sim. Espere a reação da platéia. Organize um pouco, deixe o resto para o ritmo. O 'lugar' está formado e podemos começar a pensar musicalmente.

Pensar na escola como música é aceitar que o currículo ali dentro também sofre as mesmas transformações que o som proporciona, ou seja, também está dentro desta realidade metafísica que o som produz.



## **REFERÊNCIAS:**

AMORIM, A. C. R. Ponto. Ponto. Ponto Identidades, diferenças e imagens. Leitura. Teoria & Prática, Campinas, v. 48, p.13-18, 2007.

BUCI-GLUCKSMANN, Luci. Variações sobre a imagem: estética e política. In: LINS, Daniel (org.). Nietzsche/Deleuze: imagem, literatura e educação. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza/CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007.

SILVA, T. T. da. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo Cultura, culturas e educação In. Revista Brasileira de Educação, ANPED, n.23, 2003. p.5 – 15.

## **sobre o(a) autor(a):**

Laura Regina Solé Vernin é formada em Biologia pela PUC de Campinas, estudante do curso de Pedagogia na Unicamp e bolsista IC/CNPq no grupo Olho/Faculdade de Educação da Unicamp.

João Paulo Prioli é estudante do curso de Música na Unicamp e bolsista IC/SAE/Unicamp no grupo Olho/Faculdade de Educação da Unicamp.